

CAPOEIRA E AS VICISSITUDES DA CULTURA DE NEGRO/A:

OS RACISMOS *TERMITENTES*¹

DR. CHRISTIAN MULEKA MWEWA

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC
Professor nos Programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade
Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL/FAED
Contramestre de Capoeira pelo grupo Beribazu.
Líder do grupo de pesquisa Formação e Cultura na
Sociedade Contemporânea (EduForp/UFMS/CNPq)

MS. JULIANI L. CALDEIRA FERREIRA

Mestra em Educação Científica e Matemática pela
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS
Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Técnica em Assuntos Educacionais na
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS
Membro do grupo de pesquisa Formação e Cultura na
Sociedade Contemporânea (EduForp/UFMS/CNPq)

MS. ALINE ORTEGA SOLOAGA

Doutoranda em Educação (UFMS/Campo Grande).
Mestra em Ciências do Movimento.
Atualmente é Técnica de Laboratório Órtese e Prótese da UFMS.
Faz parte do Projeto Medalha e do Grupo de Pesquisa Pensare.

Resumo | Pretendeu-se uma análise a partir da dimensão da capoeira como uma manifestação cultural de origem africana, ou seja, cultura *de negro/a*.

-
1. A palavra *termitente* (ao contrário de intermitente) designa aqui uma ação *outrem* continuada e assídua, pois não há intervalos como é o caso dos racismos em relação às culturais de matiz/matriz africana.

O estudo justifica-se pela necessidade que se coloca para a pertinência das manifestações de matiz ou matriz africana no contexto da sociedade contemporânea. Por meio de referências teóricas das ciências humanas e sociais, o presente ensaio argumenta sobre a pertinência de se assumir a dimensão negra da capoeira, porém sem essencialismos, para os processos formativos. Afirma-se que a cultura negra não pode ser tomada como um fim em si mesma ou para si mesma no contexto das culturas em geral, mas pode legitimar as suas práticas ao assumir a sua ancestralidade negra. Essa operação inverte a máxima que deprecia “coisa *de negro*”.

Palavras-chave | Capoeira; Negra; Formação.

CAPOEIRA AND THE *VICISSITUDES* OF THE CULTURE OF BLACK: PERSISTENT RACISMS

Abstract | The aim was to analyze the dimension of capoeira as a cultural manifestation of African origin, that is, black culture. The study is justified by the need for the maintenance of manifestations of an African hue or matrix in the context of contemporary society. Through theoretical references from the human and social sciences, this essay argues for the relevance of assuming the black dimension of capoeira, but without essentialism, for the training processes. It is stated that black culture cannot be taken as an end in itself or for itself in the context of cultures in general, but can legitimize its practices by assuming its black ancestry. This operation inverts the maxim that disparages “black things”.

Keywords | Capoeira; Black; Training.

CAPOEIRA Y LAS *VICISITUDES* DE LA CULTURA DE LOS NEGROS: LOS RACISMOS *TERMITENTES*

Resumen | El objetivo fue analizar la dimensión de la capoeira como manifestación cultural de origen africano, es decir, la cultura negra. El estudio se justifica por la necesidad de la relevancia de las manifestaciones de matiz o matriz africana en el contexto de la sociedad contemporánea. A través de referentes teóricos de las ciencias humanas y sociales, este ensayo argumenta la relevancia de asumir la dimensión negra de la capoeira, pero sin esencialismos, para los procesos de formación. Se afirma que la cultura negra no puede ser tomada como un fin en sí misma o para sí misma en el contexto de las culturas en general, sino que puede legitimar sus prácticas asumiendo su ascendencia negra. Esta operación invierte la máxima que menosprecia las “cosas negras”.

Palabras clave | Capoeira; Negro; Capacitación.

INTRODUÇÃO

Antes de mais nada é preciso definir o que seria(m) racismo(s). Trata-se de uma crença na existência de diferentes “raças” humanas hierarquizadas, em que a “raça” que instituiu tal crença encontra-se no topo da pirâmide por ela inventada, e às outras “raças” resta a submissão ou devoção acrítica, pois tomam como referência a “raça” que implementou tal sistema necrófilo, seguindo aqui os termos de Achille Mbembe (2020).

Resultado da aglutinação de manifestações das populações trazidas da África ao Brasil na condição de escravizadas, pode-se dizer que a capoeira é uma manifestação cultural racializada, uma vez que assume a sua origem negra, ou seja, oriunda da “raça” negra². Munanga (2003) afirma que “[...] nos séculos XVI-XVII, o conceito de raça passa efetivamente a atuar nas relações entre classes sociais da França da época”³.

Portanto, quando assumimos que a capoeira tem como origem a “raça” negra, estamos cientes da sua racialização. Assim, de forma resumida, a capoeira é uma prática de origem africana inventada⁴ no Brasil. Entretanto, contém elementos de várias lutas, dentre as quais se destacam *catch*, boxe, caratê e até mesmo jiu-jitsu e outras manifestações culturais, como samba e frevo, além de tipos corporais das religiões de matiz/matriz africana, entre outras transversalidades. Apesar e por causa de todas essas influências, é lícito afirmar que a capoeira é uma manifestação dos/as negros/as trazidos/as da África ao Brasil. Porém, essa constatação não

2. Usam-se aspas na palavra raça por se tratar de um conceito pseudocientífico no que diz respeito à distinção biológica da raça humana. Mas, o uso da palavra “raça” persiste como um conceito social que discrimina os sujeitos socialmente a partir de características fenotípicas (formato do nariz) e da quantidade de melanina (cor da pele). Por conta das dimensões do ensaio, não há como aprofundar essa discussão aqui. Por isso recomendamos a leitura de Munanga ([2003], 2024) e Silva, Cruz, Mwewa e Brito (2023).

3. Mas antes o autor alerta que “[...] primeiramente usado na Zoologia e na Botânica para classificar as espécies animais e vegetais. Foi neste sentido que o naturalista sueco, Carl Von Linné (1707-1778), o uso para classificar as plantas em 24 raças ou classes” (Munanga, 2003).

4. Sobre o tema das culturas inventadas, ver o clássico de Eric Hobsbawn e Terence Ranger (1997).

resume a sua prática desde outrora apenas aos/às negros/as, pois registra-se a presença de europeus brancos nessa prática (Soares, 2002).

Assim, este ensaio está dividido em três partes, a saber: esta introdução, na qual pontuamos o tema central; desenvolvimento, dedicado à discussão dos elementos centrais; e considerações finais, nas quais argumentamos sobre a importância de se assumir a capoeira como cultura *de negro/a* para assim gerar ou implementar a identificação com o que é negro como potência, ou seja, coisa de negro/a na sua dimensão de uma prática cultural formativa.

Concluimos que a ancestralidade na qual a capoeira reside figura como um manancial cultural que se torna ato na prática dos seus agentes de encontro às permanentes objetificações por aqueles que desdenham tudo que é de origem africana.

A CAPOEIRA E AS VICISSITUDES DA CULTURA NEGRA: CORPO, CULTURA E RACISMOS TERMITENTES

Adotamos o plural *racismos* pela multiplicidade das violências sofridas pelas populações subalternizadas e fragilizadas nos diversos contextos das relações sociais. Homofobia, por exemplo, também é tipificada como crime de racismo. Portanto, denominamos como *racismos* o conjunto dessas violências que podem ocorrer separada ou coletivamente, já que atentam contra as liberdades individuais que constituem o princípio do inciso XLII do art. 5º da Constituição Federal de 1988, que criminaliza o racismo.

A primeira origem do racismo deriva do mito bíblico de Noé do qual resulta a primeira classificação, religiosa, da diversidade humana entre os três filhos de Noé, ancestrais das três raças: Jafé (ancestral da raça branca), Sem (ancestral da raça amarela) e Cam (ancestral da raça negra). (Munanga, 2003).

Diante da indicação de Munanga, percebe-se que há crença de suposta superioridade legitimada em termos bíblicos. Isso pode ser considerado uma trava na desconstrução da inferioridade imposta aos considerados não-brancos. O racismo pode ser considerado ainda um “[...]”

sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos baseados na crença da superioridade e inferioridade racial” (Gomes, 2017, p. 98).

Ao contrário do ciclope Polifemo, a população descendente de Cam sabe bem quem as ataca. Longe de serem diversos ninguéns, os agressores transformam suas vítimas em ninguéns destituídos de humanidade. Ou seja, sabemos quem nos racializa para melhor identificar-nos, perscrutar-nos na ânsia infame do racismo. Busca que se manifesta nas ações diretas de nomear-nos negros, pois sabem que ao nomear objetificam e, logo, apreendem e circunscrevem as nossas humanidades. Sabe-se que nomear também é reconhecer o *outro* e a si mesmo como sujeito, mas isso está longe de ser aproximado do universo da capoeira, por exemplo, nos batismos, quando se designa o *outro* com um codinome (código). Os codinomes na capoeira tinham (hoje em dia nem tanto) a função especial de “coletivizar”, esconder, disfarçar, tornar o capoeira em um “ninguém”, pessoa comum na comunidade diante das perseguições das autoridades legais. Eram apelidados de “Fumaça”, “Maria Doze Homens”, “Besouro”, “Canjiquinha”, “Caju” etc., para que, quando fossem procurados pela polícia por causa da prática da capoeira, fosse difícil achar seu paradeiro a partir do nome no registro civil. Havia outros tantos com apelidos oriundos de outras atividades laborais ou afetivas. Portanto, os apelidos (atuais avatares) eram “nomes de guerra”, para ludibriar as perseguições policiais de outrora. Hoje as perseguições não são mais em direção ao sujeito, mas sim às instituições das culturas de matiz/matriz africana (as religiões, por exemplo), em resumo, são contra a cultura negra. Por isso a importância de se dizer que a capoeira é uma manifestação dos negros. Tal assunção evidencia o corpo negro como aquele que pode ser morto na máxima da necropolítica. Achille Mbembe (2020, p. 71) propõe:

[...] a noção de necropolítica e de necropoder para dar conta das várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, as armas de fogo são dispostas com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”.

Exemplo da objetificação foi a criminalização da sua prática pelo Código Penal da República Federativa do Brasil. A racialização da capoeira era legal e, portanto, fruto do racismo de Estado que legisla sobre as manifestações ditas populares, cuja população é tomada como reincidente do crime que outros cometeram, qual seja, o de escravizar seres humanos. Todavia, no contexto capitalista, as vítimas sempre são vistas como responsáveis dentro da maquinaria que se dedica a controlar e produzir suas subjetividades em escala industrial. Dessa produção os/as praticantes de capoeira não escapam, ou seja, deixou-se de se produzir as manifestações culturais em escala industrial, uma vez que as subjetividades dos seus praticantes passaram a ser o *telos*. Podemos dizer, conforme Adorno e Horkheimer (1985, p. 151), que “[a cultura] está tão completamente submetida à lei da troca que não é mais trocada. Ela se confunde tão cegamente com o uso que não se pode mais usá-la.” Em outras palavras, a produção em escala industrial não se foca mais no que se pratica, mas sim nos agentes dessas práticas. Assim como nas redes sociais, o que se pretende é o engajamento dos sujeitos. Por isso, nas manifestações culturais, não importa mais o que se pratica, desde que se esteja engajado. Só assim legitima-se a pertinência de tais práticas ancoradas na ancestralidade negra. Isso se justifica e se sustenta, por exemplo, pelas afirmações de que a capoeira é uma filosofia de vida, comumente proferida pelos/as seus/suas praticantes. Mas qual vida? A vida na prática da capoeira.

Ora, se aceitamos que a capoeira é uma manifestação *dos/as negros/as*, logo aceitamos a subdivisão racial pretendida *pelos racismos* científicos compreendidos pelo Ocidente. Quando nos referimos a raça, indubitavelmente nos referimos à raça humana, que do ponto de vista genético não comporta subdivisões, portanto, não podemos legitimar a categoria “negra”. Contudo, aceitarmos que a capoeira é fruto das atividades culturais dos negros e não dos brancos ou indígenas que aqui viveram ou vivem é afirmarmos e assumirmos um enfretamento cultural direto que fortalece o lugar da cultura dita negra. Em outros termos, declararmos que a capoeira é substrato da cultura negra ou africana é assumirmos a África como lugar geográfico e subjetivo de produção cultural.

Sabemos das perseguições que as culturas ditas negras sofrem socialmente e internamente. Socialmente, pelos contextos em que são inseridas diante das forças que estruturam as relações macrosociais – no passado, tirou-se o atabaque da capoeira para distanciá-la das religiões afro-brasileiras, hoje se evita cantar cantigas de ponto que também a aproximam das mesmas religiões, e instituiu-se a capoeira de Cristo praticada pelos adeptos das religiões pentecostais etc. –; e internamente, nas próprias práticas a partir dos seus agentes e das suas estruturas internas, pelas insistentes cooptações na permanente adaptabilidade requerida dos seus agentes para a pertinência de tais manifestações, além da sua autolegitimidade. Por exemplo, nem todos os capoeiras são a favor de que ela se torne um esporte olímpico ou mesmo que haja competições no seu contexto. Isto é, alguns dos agentes que praticam as referidas manifestações são adeptos de diversas modificações ou posturas que as adaptem a um melhor deleite por outras camadas sociais e “raciais”, mesmo que isso vá de encontro a certas estruturas consideradas tradicionais àquela manifestação. Por outro lado, é importante lembrar que “[...] práticas culturais mais sociedade não resultam em valorização social do acervo culturalmente produzido, mas sim em confronto, no qual os vencedores também figuram como perdedores em alguma dimensão”, como alertam Mwewa, Silva e Rando (2022, p. 18).

Não basta existirmos para nós, mas devemos existir para *outros* na eterna subjugação utópica pelo próprio crivo (de si mesmo) e externo (do *outro*). É nesse contexto social e interno (sujeito e manifestação cultural) que a capoeira deve ser legitimada e que se legitima. Como manifestação cultural, atesta a coexistência de outras práticas de diferentes matizes e/ou matrizes, mas também que se autoestruturam a partir da (re)invenção das tradições⁵ dos povos africanos aqui escravizados e denominados de negros.

Dito isso, a denominação de manifestação cultural dos negros fortalece os pressupostos estruturantes da capoeira como propícios para uma formação cultural que legitima a cultura dita negra, nos termos

5. Ver Hobsbawn e Ranger (1997).

de Stuart Hall (2002). Nos acostumamos a menosprezar tudo que seja oriundo da cultura negra. Mas a capoeira, com os seus postulantes pressupostos, nega toda e qualquer manobra que pretenda a subalternização. Na capoeira, apreende-se a cultura dos escravizados do ponto de vista deles, o que inverte a máxima do relato heroico eurocêntrico e branco. O relato heroico, na capoeira, é contado, cantado e encantado pelos seus agentes com referencialidade em África. Essa inversão de quem relata e de onde se relata é fundamental, mas imperceptível aos olhos de quem acredita que a escravização foi um engano histórico e por isso pode-se pedir desculpas. É neste sentido que recorremos a Spinoza (*apud* Adorno; Horkheimer, 1985, p. 92-93), que diz: “[...] o arrependimento não é uma virtude, ou não se origina da razão, mas quem se arrepende do que fez é duas vezes miserável ou impotente”.

A escravização foi uma tragédia cujos efeitos (farsa), que se materializam na permanente continuidade das violências, insistentemente se buscam dirimir. São os vencidos da história que contam a sua história em forma de lamentos, vestimentas, arquitetura, culinárias, engenharias, estratégia de luta, literatura, organização e organicidade dos seus agentes. Em outras palavras, técnicas na apreensão do mundo. São eles e não outros que podem contar a sua história, por meio de histórias, estórias ou *causos*. Só não aprendem e apreendem o social com a capoeira os que operam por meio de atividades cognitivas eletivas (compreender somente aquilo que se elege como legítimo) e tomam a condição racial como pré-concebida para a discriminação. Mas por que destacar “raça” como conceito social? Por que é por meio da sociedade que se legitima a discriminação social a partir da cor da pele (quantidade de melanina).

Conforme anunciamos anteriormente, raça para a distinção entre os seres humanos é um conceito pseudocientífico, pois não encontra materialidade conceitual na ciência e sim na sociedade que tende a vilipendiar o outro. A capoeira, assim como o campo da educação física, tem o corpo como meio privilegiado para a sua ação na sociedade. Por isso assumir a capoeira como uma prática negra é assumir a dimensão

interventiva nos contextos formativos. Essa operação inverte a máxima que deprecia “coisa *de* negro”.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordarmos o tema da capoeira no contexto dos racismos, discutimos a sua pertinência como meio e fim no enfrentamento das violências (racismos) que as culturas de matiz e matriz africana sofrem na sociedade ao longo da sua existência e reexistência.

Portanto, se a formação cultural é a apreensão da cultura de modo subjetivo, como nos ensina Theodor Adorno, é na imersão subjetiva que se pode apreender o mundo da capoeira e dele elaborar o passado a contrapelo. Somente dessa forma se pode imergir a história dos vencidos na emergência dos seus pontos de vista. A capoeira é ancestral e por isso faz justiça aos seus mortos. Quem, em 1890, imaginaria que a capoeira seria praticada em academias da alta burguesia e ensinada nas universidades como disciplina da grade curricular obrigatória e/ou optativa? Quem imaginaria que os mestres de capoeira receberiam títulos de doutores *honoris causa* nas universidades públicas no Brasil e no exterior? A capoeira é ancestral, pois conta a história dos *ditos* vencidos da história.

Por meio das discussões aqui indicadas, o presente ensaio argumenta sobre a potencialidade de se assumir a dimensão negra da capoeira, porém sem essencialismos, nas práticas de matiz/matriz africana.

Por fim, a capoeira como uma prática cultural negra, corrobora com a seguinte afirmação: “[...] é na percepção da operacionalização da formação cultural dos sujeitos que a cultura tem adquirido sentido e definido a sua alcova [...] conceber a cultura como expressão paradoxal de um lugar que possibilita o exercício de certa subjetividade e, ao mesmo tempo, a sua crítica” (Mwewa, Silva; Rando, 2022, p. 18). É nas práticas culturais que os enfrentamentos sociais também se explicitam. Dizer que a capoeira é negra é assumir as múltiplas dimensões das constituições sociais.

Na assunção das ancestralidades é que podemos negar a ocupação de lugares de mártir da história. Ninguém pediu aos negros/as para

salvarem o mundo. Uma vez que não foram dizimados na escravização, o mundo pôde ser salvo. Porém, na era do capitalismo intercontinental, quem lucra com a capoeira não são negros/as. Estes seguem a dar lucro, e a capoeira, escravizada, se curva a novos modelos para a posse, agora, imaterial. Olvidamos que foi na materialidade dos corpos escravizados que a capoeira se legitimou até contra o código penal. Mas a imaterialidade consagra a todos e pode colocar em questão as suas origens.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Editora Vozes, 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. (Trad. Tomaz T. da Silva; Guacira L. Louro) 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

MUNANGA, K. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3. 2003, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Geledés, 2003. Disponível em: <https://encr.pw/S1wco>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MWEWA, C. M.; SILVA, A. S. da; RANDO, J. da S. Notas sobre a configuração do social e a indústria cultural como mediação. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 40, n. 1, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2022.e76759>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SOARES, C. E. L. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro, 1808-1850**. 2. ed. rev. e ampl. Campinas: UNICAMP, 2002. 608p.

Contato autor principal:
christian.mwewa@ufms.br